



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	SAÍDA DE CAMPO E POVOS INDÍGENAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E O VALOR DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS
<b>Autores</b>	JOÃO PAULO BUCHHOLZ ROBERTA MADEIRA DE MELO LEONARDO LOPES EGGRES

## RESUMO SALÃO DE ENSINO 2014

### **Título: Saída de Campo e povos indígenas: o ensino de História e o valor das vivência e experiências.**

Este trabalho educativo, desenvolvido no Colégio de Aplicação (CAp), em ações do subprojeto História do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), possui como eixo temático: o ensino de História e as relações de poder (RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, gênero, sexualidade, religiosidade e desigualdade político-econômica). Relacionada ao estudo desta temática, será realizada uma vivência (saída de campo) junto de uma comunidade kaingang de São Leopoldo. Esta atividade possui dois pontos importantes: (1) o conhecimento de uma etnia e sua cultura através do (2) recurso que é a saída de campo como ação educativa vivencial no ensino da História. Ambos estão relacionados com a apropriação da lei 11.465/08, que traz o desafio da interlocução com os povos indígenas, buscando um novo olhar para a composição do Brasil, capaz de desfazer o estigma de “bom selvagem”, “primitivo” e de “aculturado” que imperam no imaginário sobre as populações nativas. Desta forma, buscamos romper com a *negação da contemporaneidade no tempo* (FABIAN, 1983): a negação da epistêmica simultânea de diferentes formas de existir no tempo/espaço, gerando a ideia de “avançado/atrasado”. A importância de perceber *paradigmas outros* (MIGNOLO, 2003) de existência permite desnaturalizar e repensar o meio onde se vive, tarefas vitais do ensino de História. No que diz respeito ao recurso, a saída de campo, buscamos valorizar a vivência e as experiências do estudante, ou seja, romper com uma perspectiva de produção de conhecimento ocidentalizada, no qual, o corpo (vivência) quase não participa, já que, a produção de conhecimento é uma prática do espírito - na ideia cristã ocidental - ou da razão - na ideia cartesiana moderna (QUIJANO, 2005). Através desta perspectiva, esperamos que a vivência proporcione ao estudante o *estranhamento*, isto é, a imersão em um espaço onde não se conhece bem as dinâmicas e a simbologia, permitindo-o conhecer outra ideia de território e de territorialidade, deslocando-o, enfim, para a *alteridade*. Colocar-se no lugar do outro é uma tarefa fundamental para romper com a visão preconceituosa que existe em relação a alguém, permitindo vislumbrar paradigmas outros de existência para além das “naturais; normativas; normais”.

FABIAN, Johannes. **Time and the Other**. New York: Columbia University Press. 1983.

MIGNOLO, Walter. “‘Un paradigma otro’: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico” En: **Historias locales-diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal. 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Landier (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.